

# 1ª aula

## Introdução

Este curso tem por objetivo oferecer um panorama dos mitos das sociedades indígenas que vivem no Brasil. É breve e pouco tem de sistemático. Apoiar-se sobretudo em minha experiência com o tema. Por isso, retira seus exemplos sobretudo das sociedades *craô* e *marubo*, com as quais tive contato direto.

Antes de passar à interpretação dos mitos, convém dizer algumas palavras sobre dois autores que tiveram grande influência nos estudos sobre mitos da segunda metade do século XX.

### Malinowski

Um desses autores foi Bronislaw Malinowski. Ele reuniu suas ideias sobre mito no ensaio *Myth in Primitive Psychology*, publicado pela primeira vez em 1926, e do qual existe tradução para o espanhol no volume *Estudios de Psicología Primitiva* (Buenos Aires: Paidós, 1949).

Malinowski inicia esse trabalho distinguindo três conjuntos de teorias referentes a mitos. Um deles seria a escola de mitologia da natureza, segundo a qual os mitos constituiriam tentativas de explicar os fenômenos naturais. Dentro dessa escola havia divergências, admitindo certos pesquisadores que a Lua seria o principal motivo estimulador dos mitos; entre eles se contaria Paul Ehrenreich (que no século passado esteve no alto Xingu, na ilha de Bananal e no rio Purus). Outros, entre os quais o africanista Leo Frobenius, tinham o Sol como foco da atenção dos mitos. E havia ainda os estudiosos que associavam os mitos a fenômenos meteorológicos. Esses pesquisadores faziam parte da Sociedade de Estudos Comparados do Mito, fundada em Berlim em 1906.

Havia também uma escola histórica, presente na Alemanha e nos Estados Unidos, e da qual Rivers seria o representante na Inglaterra, que tomava o mito como um relato sagrado equivalente a um repositório verídico do passado.

Malinowski se coloca num terceiro conjunto de pesquisadores, que faz uma íntima associação entre mito e ritual, entre a tradição sagrada e as normas da estrutura social, ao qual também pertenceriam o psicólogo Wundt, o sociólogo Durkheim, o antropólogo Mauss, o historiador Hubert, todos de algum modo influenciados por James Frazer. Porém, Malinowski quer mais, quer trazer a atenção do leitor para as contribuições do trabalho de campo, no caso o seu, nas ilhas Trobriand, para o cotidiano da vida dos nativos que contam os mitos.

Um dos trechos de grande interesse do ensaio de Malinowski é a apresentação de uma classificação das narrativas feita pelos próprios trobriandeses. Elas se distribuem em três categorias:

*Kukwanebu* — São contos populares (*folk tales*) que devem ser narrados por seus próprios “donos”, geralmente por volta de novembro, no começo da estação das chuvas. Além de servirem para entretenimento, acreditam os trobriandeses que o ato de narrá-los tem influxo benéfico sobre o desenvolvimento das plantas recentemente semeadas; por isso, a narrativa deve terminar com uma cantilena que faz alusão a certas plantas silvestres muito férteis. Apreciam os narradores que demonstram habilidade para contá-los, sabendo comover, fazer rir, entoar as partes que devem ser cantadas, mudar a voz na reprodução dos diálogos. Para Malinowski não basta reproduzir apenas o conto; o etnólogo precisa estudar todos esses outros elementos que cercam a sua narração.

*Libwogwo* — Incluem o relato histórico, isto é, presenciado pelo narrador ou assegurado por alguém que merece fé por sua boa memória; a lenda, que, apesar da falta de testemunho, cai dentro dos acontecimentos que normalmente integram a experiência dos nativos; e o ouvir dizer, referente a lugares distantes e a acontecimentos antigos fora do âmbito da cultura atual. Não têm estação apropriada e nem modo estereotipado de narração, a qual também não produz efeitos mágicos. Geralmente acompanham as informações proporcionadas pelos mais velhos, quando solicitados pelos mais jovens nas expedições, diante de novas paisagens e costumes de comunidades estranhas.

*Liliu* — São os relatos sagrados ou mitos. O mito é narrado quando uma cerimônia, uma regra moral reclama a confirmação de sua antiguidade, veracidade e antiguidade. Seu conhecimento fundamenta os atos morais e rituais e assinala como se deve praticá-los.

## Lévi-Strauss

Claude Lévi-Strauss, sem negar a contribuição de Malinowski, uma vez que também ele admite a relação dos mitos com a organização social e os outros aspectos da cultura do povo que os guarda, abriu uma nova janela para o exame dessas narrativas.

Quero aqui pôr em destaque algumas das propostas de Lévi-Strauss, feitas no seu artigo “A estrutura dos mitos”, publicado pela primeira vez em inglês no *Journal of American Folklore* (vol. 28, nº 270, pp. 428-444, 1955) e divulgado em português no volume *Antropologia Estrutural* (Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967), que mais contribuíram para dar um novo rumo à análise dos mitos:

- a) A interpretação dos mitos deve estar mais voltada para os seus aspectos cognitivos do que para os emocionais.
- b) Não há versões autênticas ou originais de um mito, umas completam as outras e

a análise deve levar em conta todas elas.

- c) Além das unidades linguísticas que podem ser isoladas a partir dos enunciados emitidos em uma língua — fonemas, morfemas, tagmemas —, o mito se compõe de unidades mais abrangentes, a que Lévi-Strauss deu o nome de “mitemas”. Para explicar o que são mitemas, ficou famosa analogia feita por Lévi-Strauss do mito com uma partitura de orquestra. Tomando como exemplo o mito de Édipo, ele assim o dispõe em mitemas:

Mitema 1	Mitema 2	Mitema 3	Mitema 4
Relações de parentesco superestimadas	Relações de parentesco desvalorizadas	[Destruição de monstros] Negação da autoctonia do homem	[Dificuldade em andar direito] Persistência da autoctonia humana
Cadmo procura sua irmã Europa, raptada por Zeus			
		Cadmo mata o dragão	
	Os Spartoi se exterminam mutuamente		
			Labdacos (pai de Laios) = “coxo” (?)
	Édipo mata seu pai Laios		Laios (pai de Édipo) = “mal feito” (?)
		Édipo imola a Esfinge	Édipo = “pé inchado” (?)
Édipo se casa com Jocasta, sua mãe			
	Etéocles mata seu irmão Polínice		
Antígona sepulta Polínice, seu irmão, violando a interdição			

- d) Todo mito, considerado como o conjunto de suas versões, se reduz a uma relação do tipo:

$$F_x (a) : F_y (b) :: F_x (b) : F_{1/a} (y)$$

Esta fórmula é conclusão da parte mais difícil do artigo de Lévi-Strauss porque se apoia em várias versões de um mito do sudoeste norte-americano, nenhuma das quais é resumida para o leitor. Na verdade, nos trabalhos subsequentes, Lévi-Strauss não aplica sistematicamente essa fórmula, que é apenas vez por outra lembrada, quando ele quer mostrar que ela funciona.

Um texto bem didático e que não faz menção essa fórmula é “A gesta de Asdiwal”, cuja tradução para o português está em duas publicações distintas: *Mito e Linguagem Social* (Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970) e *Antropologia Estrutural Dois* (Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976). Ele mostra como esse mito, tomado de sociedades indígenas do litoral noroestino da América do Norte, se desdobra em quatro aspectos que se apresentam simultaneamente, uns em relação direta e outros inversa com a realidade: o geográfico, o cosmológico, o econômico e o sociológico.

O exemplo mais rico da análise estrutural dos mitos é a coleção de quatro volumes que Lévi-Strauss denominou de *Mythologiques*, da qual o primeiro volume, *O Cru e o Cozido*, está traduzido para o português (São Paulo: Brasiliense, 1991). Nela são encadeados um grande número de mitos, a partir de mito bororo até alcançar o noroeste da América do Norte. [A editora Cosac Naify publicou em português todos os quatro volumes das *Mitológicas: O Cru e o Cozido* em 2004, *Do Mel às Cinzas* em 2005, *A Origem dos Modos à Mesa* em 2006 e *O Homem Nu* em 2011, traduzidos por Beatriz Perrone-Moisés].

## **Análise com foco no discurso**

Uma outra maneira de abordar os mitos pode ser exemplificada pelos dois livros de Ellen Basso, *A Musical View of the Universe* (Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1985) e *In Favor of Deceit* (Tucson: The University of Arizona Press, 1987), nos quais examina as narrativas dos calapalos, do alto Xingu.

Além do conteúdo do mito, nesta abordagem leva-se em consideração a maneira de contá-lo. No caso particular dos calapalos, quem conta, quando, em que situações; a modulação da voz; as repetições das frases, de modo idêntico ou com ligeira variação; a indispensabilidade de um ouvinte privilegiado, que faz perguntas, pede esclarecimentos; a atenção às onomatopeias; a predominância da reprodução dos diálogos entre os personagens; a entrega da palavra pelo narrador a uma mulher, quando um cântico a ser reproduzido é entoado por um personagem feminino.

Ao invés de se fixar apenas nos aspectos cognitivos da narrativa, esta abordagem abre caminho ao exame das manifestações emotivas, seja dos ouvintes, seja dos próprios personagens.

Suponho ser essa abordagem uma revalorização das preocupações do velho Malinowski acrescida de um aprimoramento das técnicas de análise. Ela exige cuidados muito especiais de gravação e transcrição dos mitos e um bom conhecimento da língua dos nativos.

Mas, dadas as minhas preferências pessoais e o fato de melhor se adaptar a mitos coletados nem sempre com as técnicas mais aprimoradas, como muitas das versões aqui referidas, inclusive as colhidas por mim, neste curso a abordagem de Lévi-Strauss será a privilegiada.

## **A divulgação dos mitos indígenas no Brasil**

São raras, no Brasil, as publicações de mitos indígenas para o grande público. Das que têm um caráter mais geral vale lembrar o volume *Estórias e Lendas dos Índios*, com seleção e introdução de Herbert Baldus e ilustrações de J. Lanzellotti (São Paulo: Literart, 1960). Há também *Lendas do Índio Brasileiro*, organizado por Alberto da Costa e Silva [e Osmar Barbosa] (Rio de Janeiro: Ediouro, [1967]). Com foco em regiões específicas se contam as coletâneas publicadas por Orlando e Claudio Villas Boas, como *Xingu – Os Índios, Seus Mitos* (Rio de Janeiro: Zahar, 1970). E também as mais recentemente publicadas por Betty Mindlin, relativas aos pequenos grupos indígenas do centro-sul de

Rondônia: *Tuparis e Tarupás* (São Paulo: Brasiliense, EDUSP e IAMÁ, 1993), *Moqueca de Maridos* (Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos [Record], 1997), *Terra Grávida* (Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos [Record], 1999). Os organizadores desses volumes não se ocupam, entretanto, em comentar os mitos que apresentam.

Dentre as coletâneas voltadas para povos específicos, deve-se contar agora também com aquelas redigidas pelos por autores pertencentes ao grupo étnico de cujo acervo elas fazem parte. Elas tiveram início com o volume *Antes o Mundo não Existia*, redigido pelos dessanas Umúsin Panlõn Kumu e Tolamãñ Kenhíri, com uma introdução de Berta Ribeiro, que providenciou a publicação (São Paulo: Livraria Cultura Editora, 1980). O Instituto Socioambiental abrigou a segunda edição dessa obra e passou a estimular a autores da mesma e de outras etnias indígenas do alto rio Negro a redigirem também suas coletâneas. E publicou com o apoio da ORSTOM *A Mitologia Sagrada dos Antigos Desana do Grupo Wari Dihputiro Põrã*, redigido por Diakuru e Kisibi (Povoado Cucura: UNIRT e São Gabriel da Cachoeira: FOIRN, 1996; e com o apoio da IIZ, Waferinaipe Ianhere – A Sabedoria dos Nossos Antepassados – Histórias dos Hohodene e dos Walipere-Dakenai do Rio Aiari, de diversos narradores (Rio Aiari: ACIRA e São Gabriel da Cachoeira: FOIRN, 1999).

No mais, os mitos são geralmente encontrados em trabalhos referentes a povos específicos, seja na forma de pura e simples reprodução das narrativas em periódicos de etnologia, seja em meio a descrição e análise de uma cultura como um todo em monografias etnográficas. Dos trabalhos voltados para leitores com alguma formação na área de humanidades, e que reúnem textos ou análise de mitos de várias regiões, há, além da já referida tradução do primeiro volume [aliás, como já indicado, de todos os volumes] das *Mythologiques* de Lévi-Strauss e do já aludido *Mito e Linguagem Social* (em que Roberto Cardoso de Oliveira, Roque Laraia, Roberto DaMatta e eu contribuímos cada qual com um artigo); e não se pode esquecer de *A Mitologia Heroica de Tribos Indígenas do Brasil*, de Egon Schaden (Rio de Janeiro: MEC–Serviço de Documentação, 1959).